

VISÕES DE MUNDO, VISÕES DA NATUREZA, PARADIGMAS DA GEOGRAFIA*

Diane BELUSSO**

Linha de pesquisa: Desenvolvimento Regional

Nível: Doutorado

Discorrer sobre as relações e contradições, diálogos e silêncios, possibilidades e limites da maior divisão disciplinar de nosso campo científico: Geografia Física e Geografia Humana envolvem a compreensão do surgimento, consolidação e evolução do pensamento geográfico sob os paradigmas da relação sociedade/ natureza. Paradigma, em sentido amplo e flexível, significa uma linha de pensamento também denominada na literatura como corrente.

Neste sentido, a discussão pode ser inicialmente norteadada segundo algumas hipóteses: a realidade material e social de cada época influencia as visões de mundo, as visões de mundo, por sua vez, condicionam a maneira como a sociedade visualiza e interpreta a natureza e essas visões da natureza se refletem nos paradigmas da geografia (CIDADE, 2001).

A visão de uma natureza universal, dinâmica e ao contrário, a natureza vista como um outro ser, objeto de intervenção pela sociedade, são visões que têm origens nos povos primitivos, na Grécia Antiga, na Europa Medieval, na Europa Renascentista, entre outras (CIDADE, 2001).

Vesentini (1998), ao tratar da questão sociedade/ natureza, na geografia e no seu ensino, explica que a natureza é histórica e social enquanto percepção e conhecimento humano, ao mesmo tempo, a natureza é um conjunto de fenômenos naturais (biológicos e físico-químicos). Como realidade complexa a natureza originou, em certo momento, a própria vida humana. Este ser e não ser concomitante da natureza constitui uma problemática para a geografia (VESENTINI, 1998).

Ao longo da sistematização da geografia, sob a célebre relação sociedade/ natureza, se elaborou os seguintes paradigmas: determinismo geográfico, possibilismo, método regional e geografia crítica (CORRÊA, 1986).

Para Hartshorne (1978), praticamente a formação de todos os geógrafos passou pelo determinismo geográfico, cuja separação entre o homem e a natureza era fundamental.

Tal dicotomia não foi uma necessidade interna da geografia, pois teve origem na Filosofia das Ciências que separou o homem do restante da natureza, e nas Ciências Sistemáticas que se preocuparam em separar os fenômenos (HARTSHORNE, 1978).

Na medida em que o modo de produção capitalista se apropriou dos recursos naturais de acordo com a lógica de acumulação, se intensificou a separação sociedade/ natureza. Neste sentido, ao nos remetermos aos pressupostos da geografia e ao seu surgimento como “Escola de Geografia”, são encontradas explicações no contexto das forças capitalistas para as quais o desenvolvimento científico não é e não foi neutro.

Karl Marx, em suas teorizações à cerca da relação sociedade/ natureza, revela: o que está em jogo é uma relação social, uma dialética de apropriação, transformação, construção, destruição (MORAES, 1985). Foi neste contexto que surgiu o conceito de Segunda Natureza.

Para autores contemporâneos, como Neil Smith (1988), a separação analítica da sociedade e da natureza é uma consequência da lógica interna do capitalismo. Milton Santos (1996) vê na história da sociedade uma sucessão do meio natural, ao meio técnico e ao meio técnico-científico-informacional, para mostrar a existência de um espaço cada vez mais artificializado.

Santos (1997), em “Metamorfoses do espaço habitado”, relaciona: do físico ao humano, do natural ao artificial, geografia física, geografia humana, e discute que, dentro da natureza, o homem é uma forma de vida que se diferencia das outras pelo trabalho, pela capacidade de produzir. Com o avanço da técnica, os objetos criados substituem os objetos naturais, contudo, o progresso técnico

* Texto elaborado na prova de Conhecimentos Específicos em Geografia do processo de seleção da Pós-Graduação em Geografia da FCT-UNESP, em julho de 2007.

** Contato: dianebelusso@yahoo.com.br

não elimina a ação da natureza, pois os grupos humanos têm o poder de modificar a ação das forças naturais, mas a natureza ainda obriga adaptações e impõe resultados (SANTOS, 1997).

Conforme Mendonça (1998), a geografia é a única das ciências humanas a ter em conta os aspectos físicos do planeta (quadro natural), por isso, analisar os aspectos da sociedade e da natureza, em conjunto ou isoladamente, é uma tarefa árdua. Daí, que a maioria dos geógrafos opta pela especialização do conhecimento, o que passa uma visão compartimentada da geografia (MENDONÇA, 1998).

Ao considerar, no entanto, que a geografia associa-se ao estudo do espaço, de que espaços estão falando? Espaço geográfico como produto do processo de trabalho da sociedade, como conseqüência do desenvolvimento desigual e combinado da acumulação técnica e das práticas espaciais de todas as épocas. Interessa à geografia o estudo do espaço utilizado e o uso do território (SANTOS; SILVEIRA, 2002). De acordo com David Harvey, o exame do mundo revela um mosaico geográfico, uma criação de múltiplas atividades humanas.

O espaço geográfico é uno e múltiplo e sua concepção envolve as seguintes categorias: natureza, espaço, sociedade e tempo (SUERTEGARAY, 2001). A partir dessas categorias, à geografia foi criado um instrumental teórico com os conceitos de região, lugar, território, entre outros que, quando operacionalizados, permite renovar a leitura geográfica sobre o mundo (SUERTEGARAY, 2001).

Nos “caminhos e descaminhos da geografia”, Manuel Correia de Andrade sugere uma produção/ reprodução do espaço geográfico, pois, relacionada à idéia de movimento e à noção de tempo. Portanto, se cabe à geografia acompanhar, explicar, servir ao monitoramento do espaço geográfico, ela é uma ciência profundamente dinâmica e interligada às outras áreas do conhecimento, tais como: economia, história, sociologia, antropologia etc. Parafraseando Nietzsche, os caminhos da geografia se contradizem, eles se chocam frontalmente e é no espaço geográfico que eles se unem.

Atualmente, a emergência da questão ambiental e de uma concepção universal da natureza provocou uma valorização da geografia, pois, no interior desta disciplina são encontradas explicações, é formulada uma teoria da ação e são desvendadas as forças que movem a sociedade.

Contudo, para finalizar o presente texto, uma reflexão de Milton Santos (1982), “Pensando o Espaço do Homem”: devemos nos preparar para um espaço verdadeiramente humano, que una os homens para e por seu trabalho, mas que não os separe em classes sociais; um espaço Natureza Social para a contemplação da vida e não um fetiche, uma mercadoria trabalhada por outra mercadoria, o homem fetichizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANDRADE, Manuel Correia. **Caminhos e descaminhos da Geografia**. Campinas: Papyrus, 1993.
- CIDADE, Lúcia Cony F. Visões de mundo, visões da Natureza e a formação de paradigmas geográficos. **Terra Livre**, São Paulo, v.17. n.2, pp. 99-118, 2001.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.
- HARTSHORNE, Richard. **Propósitos e Natureza da Geografia**. 2ª ed. São Paulo: Edusp – Hucitec, 1978.
- MENDONÇA, Francisco de Assis. **Geografia Física: Ciência Humana?** São Paulo: Contexto, 1998.
- MORAES, Antonio Carlos R. Segunda Natureza. **Orientação**, n.06, São Paulo, novembro de 1985.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço Geográfico Uno e Múltiplo. **Scripta Nova**, Barcelona, v.93, 2001.

VESENTINI, José William. A questão da natureza na geografia e no seu ensino. **XI Encontro Nacional de Geógrafos** – Vitória da Conquista – BA, v.1, pp. 2-5, 1998.